

Tendências | Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

Obama: o novo parceiro da América do Sul

ROGER NORIEGA

O PRESIDENTE Barack Obama começará na próxima terça a exercer um dos cargos mais poderosos do mundo sem nunca ter posto os pés na América do Sul. Sua falta de experiência, no entanto, pode ser superada se ele ouvir, aprender e cultivar o tipo de relacionamento pessoal que é particularmente valorizado na América Latina.

Para começar, espera-se que Obama suspenda seu célebre estilo “reservado”, estabelecendo um diálogo cordial e aberto com o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva.

Como foi o caso com Lula, a eleição de Obama fez lembrar a todos os seres humanos o poder ilimitado da democracia genuína.

Ambos são homens inteligentes e autoconfiantes, que não têm medo de seguir seus próprios instintos. Ambos estão determinados a fazer a democracia e o livre mercado funcionar para toda sua população, em sociedades multiétnicas vastas.

A parceria que esses dois homens podem conseguir erguer, partindo dessa base comum, vai moldar o futuro das relações dos EUA com o Brasil e o resto da América Latina durante décadas vindouras.

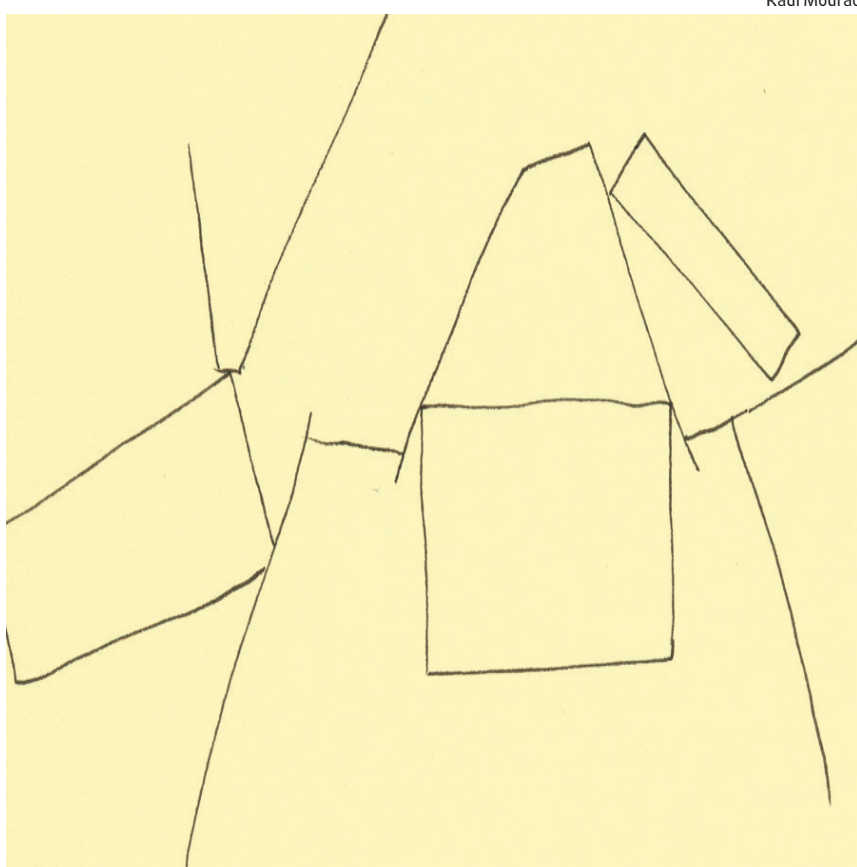
Obama vai aprender com Lula que a maioria dos líderes políticos da região — mesmo os que integram a “esquerda” tradicional — está plenamente engajada com políticas de livre mercado responsáveis e governança democrática.

O tipo de populismo autoritário do presidente venezuelano Hugo Chávez — que propõe que os pobres sacrifiquem sua liberdade em troca de comida — exerce pouca atração sobre democratas genuínos.

O presidente Obama faria bem em enfatizar o compromisso dos EUA de combater a pobreza e a fome estruturais, uma armadilha na qual estão presos muitos cidadãos da região.

Ele também deveria propor a revisão dos sistemas de ensino e a eliminação do analfabetismo, para que pessoas de todas as profissões tenham as ferramentas essenciais com as quais cobrar responsabilidade de seus governos e aproveitar os novos e melhores empregos gerados por economias em crescimento.

E ele deve lembrar a nossos vizinhos que o respeito às leis, as instituições democráticas fortes, leis fiscais e trabalhistas simplificadas e proteções



Raul Mourão

Espera-se que Obama suspenda seu célebre estilo “reservado”, estabelecendo um diálogo cordial e aberto com o presidente Lula

de Primeiro Mundo à propriedade intelectual e ao investimento privado constituem chaves indispensáveis ao crescimento econômico.

Vindo de um partido político que deve muito aos sindicatos de trabalhadores americanos, o novo presidente norte-americano talvez se surpreenda ao descobrir a profundidade do compromisso com o livre comércio que existe na região.

Por exemplo, Lula, ex-líder sindical, vem liderando o coro do mundo em desenvolvimento contra o “protecionismo” diante de desafios financeiros difíceis.

Obama poderá fazer sua parte reforçando os laços comerciais com a Colômbia, nossa aliada, e incentivando Lula a exercer sua liderança para

pôr fim ao impasse na Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio, reafirmando o compromisso dos Estados Unidos em eliminar os subsídios agrícolas em coordenação com concessões europeias e asiáticas.

Em vista de sua história pessoal singular e de seu carisma, o presidente Barack Obama pode conseguir enterrar o legado do paternalismo e do pensamento do tipo “soma zero” (ou seja, que o ganho de uma parte implica perda equivalente da outra parte) que vem atrapalhando as relações entre os Estados Unidos e o resto das Américas.

Embora os líderes regionais não esperem que o novo presidente dos Estados Unidos apresente uma receita regional gravada em tábuas de pedra, eles saúdam a criação de laços sólidos e respeitosos com um homem que mostre estar interessado em construir uma parceria genuína com seus vizinhos.

ROGER NORIEGA, diretor do escritório de advocacia Tew Cardenas e pesquisador visitante do American Enterprise Institute, foi secretário-assistente do Departamento de Estado dos EUA para o Hemisfério Ocidental (2001-2005) e embaixador na Organização dos Estados Americanos.

Tradução de Clara Allain

A crise e o caráter americano

JOAQUIM FALCÃO

Ao contrário do que alguns ainda teimam em afirmar, os EUA e seu sistema jurídico não defendem o credor. Nem o devedor

desacreditada pela especulação financeira e pela perda da competitividade industrial global.

Ao contrário do que alguns ainda teimam em afirmar por aqui, os Estados Unidos e seu sistema jurídico não defendem o credor. Nem o devedor. Defendem, antes, a “temeridade comercial”, a capacidade de correr riscos para produzir riqueza, liderança e futuro. Podem defender o devedor mais que o credor, ou vice-versa, se tanto for necessário.

Sua tarefa prioritária e urgente não é pagar credores ou punir devedores — mesmo os de má-fé. É fazer com que acionistas, executivos, trabalhadores e consumidores — não somente os auidades, mas também os que confiam neles — voltem a se arriscar. Ainda que, para tanto, punam-se os responsáveis, extingam-se as empresas e abandone-se o modelo de capitalismo até então aparentemente vitorioso.

Não importa discutir o sexo de anjos ou demônios. Se o modelo foi distorcido ou não. O fato é: ele é distorcível. Em vez de levar os EUA ao progresso, os levou à recessão. Em vez de pleno emprego, desemprego.

Para Tocqueville, a loteria do mercado só se justifica quando fortalece o Estado sem cessar e, assim, faz a grandeza da nação. Inexiste o elogio da audácia como virtude exclusiva do mercado livre. É virtude instrumental.

A dicotomia “Estado versus mercado” tem sido mais dicotomia de ex-

portação. Necessária à expansão global americana. Há uma histórica insinceridade nela. O combate à crise é, sobretudo, o desafio de, diz Mangabeira Unger, recombinar e reexperimentar as permanentes, nem sempre visíveis, relações não separatistas entre mercado e Estado.

Não é por menos que a administração George W. Bush, e, provavelmente, a futura administração Barack Obama, ao socorrer empresas financeiras e industriais, além de regular, emprestar, intervêm, se associa, compra, doa impostos pagos, estimula fusões, subsidia, fecha, enfim, desconfiça, com tranquilidade e desdém, os limites da autonomia privada. Inclusive os limites jurídicos da propriedade privada, da liberdade contratual, do não-protecionismo e da livre concorrência.

Barack Obama, que, com certeza, leu Tocqueville, tem caracterizado sua mensagem de mudança como algo além de simplesmente consertar um sistema financeiro autofágico. Trata-se de retomar a audácia para fazer o capitalismo sobreviver. Parte do pressuposto de que, para sair da crise, é preciso trilhar múltiplos, flexíveis e experimentais caminhos. Capazes de recombinar liberdade e futuro. E não de um só.

É este o divisor de águas. Diante da crise globalizada, elites de alguns países tentam reinventar as relações entre Estado e mercado. E, dentro do mercado, entre finanças, produção e emprego. Outras, não. Insistem na nostalgia de consertar um futuro que não ocorreu. E outras, pior: esperam o dia em que a mudança do futuro de lá vai desembarcar aqui. Vã e mimética esperança.

JOAQUIM FALCÃO, 65, mestre em direito pela Universidade Harvard (EUA) e doutor em educação pela Universidade de Genebra (Suíça), é diretor da Escola de Direito da FGV-RJ e membro do Conselho Nacional de Justiça.

Painel do Leitor

O “Painel do Leitor” recebe colaborações por e-mail, fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4.º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

TEMAS

Os mais comentados pelos leitores na semana

	Número de mensagens	Percentual*
Israel x palestinos	156	17,2%
Cesare Battisti	65	7,2%
Governo Lula	50	5,5%

*De um total de 905 mensagens recebidas

Relações exteriores

“O presidente Lula, em novas atitudes partidárias, apoia a reeleição indefinida do venezuelano Hugo Chávez e considera correta a atitude do ministro Tarso Genro (Justiça) no caso Battisti. Mas o presidente não hesitou em deportar de maneira brutal dois cubanos que nem acusação contra si tinham — e sabemos bem que, se a reeleição fosse para alguém que não simpatizava com a esquerda, Lula a condenaria, porque ele opina sobre tudo e todos, como se fosse o dono da verdade. Nunca antes neste país a diplomacia foi tão partidária.”

FRANCISCO DA COSTA OLIVEIRA (São Paulo, SP)



“Lula, chefe-mor desta república de banana, em defesa do asilo ao terrorista italiano, usou o argumento da soberania nacional. De fato, o Brasil tem uma tradição quase secular de ser o paradisíaco destino e refúgio de bandidos e malandros que se dão bem e conseguem fugir de seus países, o que é documentado por inúmeros filmes.

Alie-se a esse argumento o fato de hoje ocuparem posição de destaque no governo centenas, se não milhares de outrora terroristas e bichos-grilos brasileiros, com polpudos salários e miraculosas indenizações por feitos patrióticos. Tudo bem, tudo de acordo, tudo normal, e a tradição vai se mantendo, para a alegria do povo e a felicidade geral da nação.”

ROBERTO ANTONIO CERA (Piracicaba, SP)

Israel x palestinos

“Diante dos ataques repetidos das tropas israelenses aos prédios da ONU na faixa de Gaza, a Assembleia Geral das Nações Unidas deveria ser convocada para votar uma resolução expulsando Israel dos seus quadros. Um país que se coloca acima da lei internacional e não respeita as decisões da maioria é uma ameaça à paz mundial e não pode fazer parte do mundo organizado.”

MARCOS ABRÃO (São Paulo, SP)



“Gostaria que alguém me explicasse por que um Estado como Israel, com um dos melhores exércitos do mundo, dotado dos mais sofisticados e caros armamentos, não consegue implantar um sistema de defesa eficaz contra o lançamento dos lerdos e artesanais Qassam.

Tendo acesso a satélites em órbita geostacionária, é possível enviar dados telemétricos via GPS e interceptar e destruir os foguetes ainda em território palestino. Caso fosse considerado um sistema caro para o pouco dano causado pelos Qassam, Israel poderia adquirir (se é que já não os tem) os lança-mísseis portáteis Manpads, com acerto de alvo calculado em 96%. Uma centena de homens postados ao longo da fronteira poderia destruir, ainda em voo, quaisquer ameaças palestinas.

Garanto que tudo isso custaria bem menos que a atual ofensiva em sua terceira semana. Ou será que, somando tudo, os foguetes do Hamas são, para muitos, politicamente convenientes?”

FABRIZIO WROLLI (São Paulo, SP)

Desemprego

Corretíssima a análise de Vinicius Torres Freire em seu artigo ‘Empregos por decreto’ (**Dinheiro**, 14/1), sobretudo ao chamar de idióta a pretensão do ministro do Tra-

balho, que pensa que pode manter o emprego por decreto ou por boas intenções dos empresários. Ora, emprego só existirá se existir a empresa, e esta só existirá se existir demanda pelos produtos que ela produz.

O papel principal do governo é criar condições por meio de medidas que possam preservar o consumo de um modo geral, baixando a taxa de juros e reduzindo impostos, beneficiando todas as cadeias produtivas e a economia como um todo, e não apenas um setor. O que vai agravar ainda mais a situação é essa cultura atrasada do governo, infestado de sindicalistas, de manter inflexível a nossa CLT e achar que o emprego pode existir sem a empresa e sem o mercado.”

CARLOS ALBERTO M. F. SANTOS (Pará de Minas, MG)



“Engraçado... Quando se cogita a redução da jornada semanal de trabalho para surgirem novos empregos, a indústria é contra. Mas, quando pensam em diminuir a jornada e, consequentemente, o salário, os industriais são favoráveis. Por que será?”

MÁRCIO ALEXANDRE DA SILVA (Assis, SP)

Heróis da Justiça

“O Movimento do Ministério Público Democrático endossa integralmente as considerações do presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (‘Três heróis da Justiça’, **Tendências/Debates**, 16/1), lembrando os 40 anos da cassação dos ministros Evandro Lins e Silva, Hermes de Lima e Victor Nunes Leal e lamentando o silêncio do Supremo Tribunal Federal a respeito desse triste episódio de violência contra o Poder Judiciário.”

ROBERTO LIVIANU, promotor de Justiça, presidente do Movimento do Ministério Público Democrático (São Paulo, SP)

Obesidade

“No mesmo texto (‘A disseminação da obesidade’, **Ilustrada**, 17/1), Drauzio Varella fere e afaga a indústria farmacêutica. Expõe apropriadamente os lucros que ela tem com as consequências da obesidade, qualifica como ridículas as orientações médicas e termina por estimular um tratamento farmacológico agressivo contra esse grande mal. Ora, todo estudo sério sobre esse tema aponta a urgência da mudança de estilo de vida de nossa sociedade. Os médicos devem ser propagadores dessa difícil mudança e não podem insistir no erro de apostar na facilidade da medicalização.”

RUY MADSEN, médico (Campinas, SP)

Bicicletas

“Sugiro ao sociólogo Eduardo Biavati que, antes de voltar a afirmar que ‘carro e bicicleta são inconciliáveis’ (**Cotidiano**, 16/1), faça uma breve visita à cidade de Paris. Lá, bicicletas convivem muitíssimo bem com carros, ônibus e caminhões. E isso sem necessidade de faixa seletiva ou ciclovia. O segredo? Bicyclistas param no sinal, não andam na contramão e dão seta. E o motorista que, ‘num piscar de olhos, atropelar um ciclista porque não o enxergou’, certamente não ficará impune.”

OTAVIO LEONIDIO (Rio de Janeiro, RJ)

Caça

“Em relação ao artigo ‘Em defesa da caça’ (**Tendências/Debates**, 15/1), pergunto: qual é o prazer de matar um animal por ‘hobby’? Para mim, é difícil entender, mas há pessoas que defendem isso com propósitos ‘nobres’, como angariar recursos para a preservação da natureza. Há inúmeras maneiras de preservar a fauna e a flora. Por exemplo, investimentos maiores em ecoturismo e educação ambiental. Algumas questões: mesmo se legalizada, a caça é moral e eticamente aceitável? Para o animal que será morto, qual a diferença se a caça é legal ou ilegal? O que você acha de levar seu filho em uma loja de armas para escolher qual o melhor cartucho para a caça? Essa é uma boa lição para incentivá-lo a preservar melhor a natureza?”

Ainda bem que tais ‘grandes’ defensores da natureza são minoria: em enquete no site do Ibama, 76% são contra a legalização da caça.”

FLÁVIO AUGUSTO MENIN (São José do Rio Preto, SP)

» **SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE:** 0800-775-8080
Grande São Paulo: 0/xx/11 3224-3090 saa@grupofolha.com.br

» **OMBUDESMAN:** 0800-015-9000 ombudsman@uol.com.br

Erramos

erramos@uol.com.br

COTIDIANO (12. JAN. PÁG. C4) O texto “Faltas de professor reduzem notas de alunos, diz pesquisadora” informou incorretamente que Tufi

Machado Soares é professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Ele é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora.